



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12115 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NA INCLUSÃO DE EDUCANDOS AUTISTAS EM ESCOLAS REGULARES

Cleounora Barros dos Santos - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Emanuelle Karine Moura Cesar - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Danielle Oliveira da Nóbrega - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NA INCLUSÃO DE DISCENTES AUTISTAS EM ESCOLAS REGULARES

O contexto histórico da pessoa com deficiência é marcado pela segregação e exclusão social e educacional. A história mostra que durante muito tempo a negação por direitos a esse público teve profundas e significativas perdas, contribuindo com insucesso educacional, limitações nos aspectos sociais e econômico. Fernandes (2007) afirma que:

A prática de segregar as pessoas com deficiências foi constituída historicamente a partir das necessidades de sobrevivência de um meio hostil, mas efetivou-se, de fato entre as comunidades que adotaram uma estrutura de classes, privilegiando alguns de seus membros considerados mais eficientes no acúmulo de bens materiais (FERNANDES, 2007, p. 37).

No tocante ao autismo, os estudos sobre os processos de como se dá aprendizagem de discentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas relações no âmbito educacional têm despertado interesse de autores que investigam e difundem essa temática cientificamente. É essencial o desenvolvimento desses estudos, visto que seus resultados contribuem nas discussões, reflexões e análises de práticas inclusivas inovadoras.

A partir do exposto, o presente estudo busca, por meio da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, refletir sobre as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural (PHC), a partir dos escritos de Vigotski, na inclusão de alunos autistas em salas de aula de oferta regular. Para tanto, recorreu-se à literatura científica publicadas nas plataformas digitais Scielo, Google Acadêmico e em livros em geral que tinham como foco o tema descrito através de uma perspectiva crítica.

Autismo é uma terminação geral utilizada para descrever um grupo de transtornos do desenvolvimento, hoje conhecidos como TEA. No site do Ministério da Saúde (2022), o TEA é:

Um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento, que podem englobar alterações qualitativas e quantitativas da comunicação, seja na linguagem verbal ou não verbal, na interação social e do comportamento, como: ações repetitivas, hiperfoco para objetos específicos e restrição de interesses. (MARTINS, 2022, p. 1)

O diagnóstico do TEA geralmente é realizado por profissionais da psicologia, psiquiatria e neurologia. Esse processo de diagnóstico não é um processo fácil, dá-se de forma cautelosa e deve ser efetivado o quanto mais cedo possível. Após o diagnóstico, há início de tratamento medicamentoso caso haja necessidade, de acordo com os sintomas individuais, com terapias diversas que venham a contribuir na melhoria de vida dos autistas.

Todavia, faz-se necessário ver o discente com TEA além de seu diagnóstico, do foco no modelo médico de deficiência e dos preconceitos, é preciso enxergá-lo como um ser cultural, transcendendo sua deficiência ao focar nos processos interacionais. Em Orrú (2008, p. 1, grifos da autora),

Na falta de um trabalho multidisciplinar que veja a pessoa com autismo como um ser bio-socio-psico-histórico-cultural, a mesma perpassa pelo estigma das incapacidades e inabilidades como sendo os definidores de seu destino durante toda sua vida. Logo, leva-se em conta muito mais os aspectos sintomáticos da síndrome do que a procura de estratégias interventivas para a superação das dificuldades encontradas. A exclusão social do autista emerge das concepções pré-conceituadas a respeito das “coisas” que essa pessoa não consegue fazer.

A inclusão de crianças com autismo na escola regular precisa de atenção de todos para que o sucesso e a permanência desses alunos sejam efetivados em sua totalidade, ao contrário, esse processo continuará no fracasso. Para Orrú (2016, p. 167), pessoas com autismo “[...] além de serem diferentes como todos nós, possuem singularidades que precisam ser respeitadas, conhecidas, estudadas e acompanhadas com sensibilidade pelo professor para que elas não sejam motivo de exclusão”.

Estudar o autismo contribui para ampliar o conhecimento na área específica, contudo é necessário a formação de profissionais da Educação Básica (EB) em uma perspectiva da inclusão escolar, de uma práxis humanizada, mediadora e cientificamente comprovada, o que é proposto na PHC. E, nesse contexto de formação continuada (FC) numa proposta inclusiva, educar na e para diversidade requer um profissional sintonizado com os conceitos pedagógicos atuais. Nesse contexto, Santos (2008a, p. 9) reflete:

[...] E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área.

E nesse processo formativo, destaca-se a formação em serviço em uma proposta de alfabetização e letramento dos discentes com TEA, pois entendemos que dentro de suas especificidades, eles têm condições de serem alfabetizados desde que os educadores tenham

preparo para tal proposta e saibam lidar com as singularidades de apropriação de conteúdos que os autistas têm. O docente, consciente de seu papel social, constrói condições de os discentes serem alfabetizados ao mesmo tempo que letrados, inserindo-os no processo de comunicação. Em Soares (1999, p. 92):

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse.

A inclusão significativa de discentes com necessidades educativas específicas (NEE) permeia também nas ações docente ao elaborar atividades que os instiguem e os desafiem constantemente. Desenvolver atividades com autistas é uma constante busca por interação e nessa proposta, as atividades lúdicas vêm contribuir para seu desenvolvimento social, cognitivo, a capacidade psicomotora e afetiva. Em relação à importância das atividades lúdicas, Santos (2008b, p. 56) afirma que,

Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade.

Percebemos nessas falas a importância de ser desenvolvido o envolvimento de discentes autistas através de atividades lúdicas, inserindo-os no processo educativo de forma dinâmica, prazerosa e significativa ao estimular seu desenvolvimento e socialização.

Em relação às contribuições de uma oferta de inclusão e avanço na aprendizagem de discentes com NEE, as salas de recursos multifuncionais (SRMs) realizam um importante apoio no processo dessa aprendizagem. O Atendimento Educacional Especializado -AEE que é realizado na SRM por um profissional qualificado, tem que estar unificado com a proposta pedagógica da escola envolvendo a participação da família e atendendo às necessidades dos discentes em turno oposto complementando ou suplementando o ensino de oferta regular.

Lev Semionovitch Vigotski (1896 a 1934) foi um psicólogo bielorrusso e é considerado o pai da PHC. Seus estudos foram desenvolvidos, juntamente com os psicólogos e colaboradores Luria (1902-1977) e Leontiev (1903-1979), tendo como principal proposta a lei fundamental do desenvolvimento humano que postula que os indivíduos são criados na e pela sociedade na qual vivem. Esta psicologia tem seu foco de estudo nos processos educativos, sendo inegável seu papel nas relações sociais e intelectual dos discentes. Essa interação se dá entre ele, o ser humano e o meio social e cultural no qual se acha inserido, contribuindo para o seu processo de humanização, apropriando-se da cultura humana.

Os fatores que mais se destacam na PHC e que são essenciais no processo de aprendizagem de alunos autistas são:

Mediação- Fator principal da PHC. O processo de mediação se dá através das orientações e

interações focando no desenvolvimento das aprendizagens dos discentes, consolidando conhecimentos ou aprimorando habilidades que ainda não foram desenvolvidas. Esse processo acontece através dos signos (ações sobre o psiquismo- objetos, figuras, fenômeno, gesto, cores) e através dos instrumentos que regulariza as ações sobre o objeto.

No processo escolar do discente com TEA, o conhecimento e a aprendizagem se dão através da interação com os pares envolvidos, por várias relações e significados. E neste processo acontece a produção de novas experiências, tendo o professor como mediador ao utilizar métodos envolventes entre os pares, estimulando, motivando o processo de ensino-aprendizagem, construindo conceitos e internalizando as interações e aprendizagens vivenciadas, dando sentido à aprendizagem.

Em Vigotski (2000), as ações de interações com os demais pares em sala de aula tendo o professor como norteador e mediador das atividades com estruturas favoráveis à internalização dos conteúdos são recursos essenciais e base de uma práxis significativa, favorecendo o desenvolvimento e formação social e pessoal desses sujeitos.

Cultura- Na construção da interpretação da realidade através dos fenômenos históricos, o homem é um ser histórico ao ser produtor cultural, desenvolvendo-se cognitivamente de fora para dentro, através da internalização que acontece por meio da mediação.

Nesse contexto de cultura, Orrú (2012, p. 80) explica que o homem “[...] é um ser social e cultural em uma história de desenvolvimento, que parte do interpessoal para o intrapessoal, tendo a linguagem como mediadora de todas as relações”.

Internalização- Envolvimento dos signos e dos instrumentos, regula as ações (signos) sobre os objetos (instrumentos). Nessa direção, o papel do docente na internalização do discente autista é de suma importância para o sucesso do que é proposto. Enfatizamos que a internalização não acontece de forma passiva, nesse envolvimento a criança vai se apropriando da cultura de forma singular juntamente com seus pares. Sob esta ótica, Vigotski (2007, p. 56) reflete o que seria a internalização: “Chamamos de internalização a reconstrução interna de uma operação externa. [...] Entretanto elas (funções) somente adquirem o caráter de processos internos como resultados de um desenvolvimento prolongado”.

Linguagem- Favorecimento do intercâmbio social (significantes e significados). Na maioria dos casos, o autista tem a linguagem comprometida. Nos estudos de Vigotski, a linguagem é imprescindível nas relações sociais e na formação dos processos psíquicos superiores, por ser responsável pela comunicação e construção do pensamento dos seres humanos.

Nessa ótica, Orrú (2012, p. 80) pontua que a linguagem nos tornou e nos torna cada vez mais social e que o homem “[...] é um ser social e cultural em uma história de desenvolvimento, que parte do interpessoal para o intrapessoal, tendo a linguagem como mediadora de todas as relações”. Para Vigotski (2000, p. 111), pensamento e linguagem têm uma “[...] relação entre processos que não é uma grandeza constante, imutável, ao longo de

todo desenvolvimento, mas uma grandeza variável”. A aprendizagem, nesse contexto, é uma experiência social mediada pela interação entre a linguagem e a ação.

Zona de Desenvolvimento Proximal - Nessa perspectiva de intervenções e interações, em Vigotski (2000), para que aconteça a aprendizagem, a interação social deve acontecer dentro da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que seria a distância existente entre aquilo que já se sabe (conhecimento real, no qual o sujeito consegue aplicar sozinho) e o que se tem para aprender (conhecimento potencial, em que o sujeito necessita de ajuda, de mediação). Diante do exposto, a ZDP é caracterizada por Vygotsky (2000, p. 112) como: “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto [...]”.

Considerando a mediação na ZDP, de acordo com a constituição da PHC, compreendemos que é o outro por meio da mediação pedagógica que vai significar o mundo para a criança com TEA.

Diante do exposto, concebemos que a PHC enxerga o discente com NEE, em especial o autista, como capaz de aprender de acordo com a mediação feita pelo docente através da constituição de sua linguagem, com seus pares em sala de aula ao produzir cultura. Concebemos que o processo escolar inclusivo e reflexivo vem romper com práticas tradicionais de ensino, a importância do docente no processo educacional desses discentes nas suas formações pessoais e sociais, bem como a valorosa contribuição de uma práxis educativa que favoreça seus aprendizados, que valorize suas potencialidades e diferenças e que possa contribuir na sistematização dos signos em forma de linguagem através da construção de práticas inclusivas.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, E. M. **Educação para todos, saúde para todos:** a urgência da adoção de um paradigma multidisciplinar nas políticas públicas de atenção a pessoas portadores de deficiências. Benjamim Constant: Rio de Janeiro, 2007.

MARTINS, F. **TEA:** saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 01 jun. 2022.

ORRÚ, S. E. Os estudos da análise do comportamento e a abordagem histórico-cultural no trabalho educacional com autistas. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 45, n. 3, p. 1, 2008. Disponível em: https://sid-inico.usal.es/docs/F8/ART11804/os_estudios_da.pdf . Acesso em: 17 jun. 2022.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação:** interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ORRÚ, S. E. **Aprendizes com autismo:** aprendizagem por eixos de interesse em espaços não

excludentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SANTOS, A. M. T. **Autismo**: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008a.

SANTOS, S. M. P. dos. **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 1999.

VOGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.